

MEMES VIRTUAIS, LEITURA E DISCURSO: REDES SOCIAIS IMBRICADAS À SALA DE AULA

Gustavo Haiden de Lacerda (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Luciana Cristina
Ferreira Dias Di Raimo (Orientadora), e-mail: gustavo.haiden@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes / Maringá, PR

Área: Linguística. Subárea: Teoria e Análise Linguística

Palavras-chave: memes virtuais, análise de discurso, aula de leitura

Resumo:

Este artigo visa apresentar o desenvolvimento do projeto de pesquisa realizado ao longo de 2017-2018, apontando para alguns resultados das análises depreendidas sobre memes virtuais, além de sugestões de propostas de intervenção em aulas de leitura. Sob o escopo teórico-metodológico da Análise de discurso francesa (PÊCHEUX, 1995; ORLANDI, 1999), considerando as práticas de linguagem que tomam espaço na Internet, mais especificamente nas redes sociais virtuais, propomos analisar os memes, materialidade emergente, como possibilidade para um trabalho em aulas de leitura para um 3º ano do ensino médio, no intuito de conduzir a uma relação mais atenta com a linguagem. Interessa-nos, portanto, perguntar pelos efeitos de sentido mobilizados pelos memes, compreendendo o funcionamento discursivo desses textos, na imbricação verbal/não verbal, bem como os efeitos de ironia e humor, de tal forma que possamos traçar um percurso dos modos de constituição, formulação e circulação dos memes.

Introdução

As maneiras de praticar linguagem vêm ganhando dimensões diversas dentro da Internet, espaço que oferece condições para o trabalho com múltiplas materialidades, entre elas textos verbais, imagens, vídeos, áudios etc. Essas diferentes materialidades são passíveis de imbricação, isto é, de hibridismo, mesclagem, atravessando umas às outras, como é o caso dos memes virtuais selecionados para nosso projeto, materialidades significantes que envolvem, em nível de formulação (ORLANDI, 2005), palavras e imagens. Nesse sentido, interessou-nos abordar os memes como objeto de pesquisa devido ao jogo de contradições, de deslizes, que dão margem à interpretação de sentidos humorísticos e irônicos.

É nessa direção, lendo memes de um lugar que lhes devolva a opacidade da linguagem (ORLANDI, 1999), que foi produtivo pensarmos em como levar esses textos para a sala de aula, sugerindo atividades discursivas que possam dar visibilidade às (in)visibilidades e contradições dos diferentes discursos mobilizados pelos memes selecionados. O objetivo, portanto, foi de promover condições para uma aula de leitura que permita ao aluno ser autor naquilo/daquilo que lê, responsável pelos sentidos em jogo.

Materiais e métodos

Como objeto de análise do projeto, selecionamos três séries de memes, organizadas a partir da observação de repetições composicionais e temáticas. A organização em “famílias de memes” permitiu que refletíssemos sobre diversas perspectivas dentro de uma mesma estrutura, observando a relação do plano linguístico com o discursivo. As famílias foram: (1) “coisas com sentimentos”; (2) “ata”; (3) “caneta desmanipuladora”. Devido ao espaço limitado, apresentaremos um meme de uma das famílias escolhidas, a título de exemplificação.



Meme “Sistema nervoso autônomo”

Situamo-nos no domínio teórico e metodológico da Análise de discurso de linha francesa (AD). Falar desse lugar significa, como apontado por Orlandi (1999), lançar um olhar para o modo pelo qual um texto diz o que diz, ou, em outras palavras, preocuparmo-nos com “como” o texto significa, mais do que com o conteúdo. Esse olhar discursivo diante dos memes exige tomar a língua na sua relação com a história e com a ideologia, o que requer também falar do sujeito, uma vez que o discurso é relação de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1995). Ele, o sujeito, na teoria do discurso, é dividido, na medida em que é sujeito do que diz e sujeito ao que diz, em um movimento entre determinar e ser determinado.

Além disso, para a AD, é necessário tomar em consideração as formações discursivas (FD), que seriam a “matriz do sentido” (PÊCHEUX, 1995), que representam, no plano discursivo, as formações ideológicas. As FDs delimitam aquilo que pode e deve ser dito em uma dada conjuntura sócio-histórica, sem, contudo, estabelecer fronteiras fixas, como próprio da

natureza da linguagem, que, na história, se abre ao equívoco, ao deslize de sentidos.

Indispensável foi considerar a noção de leitura de um ponto de escuta discursivo, que, segundo Orlandi (2005), tem a ver com um gesto de interpretação, como trabalho simbólico no espaço aberto da significação pela textualização do discurso. Para um mesmo texto são possíveis várias leituras, que coexistem, não necessariamente sem contendidas. Em acréscimo, a mesma autora nos lembra que um texto é/está sempre em relação a outros textos, de modo que os efeitos de sentido “têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito” (ORLANDI, 1999, p. 30).

Resultados e Discussão

As análises depreendidas foram apontando para diferentes conceitos dentro da Análise de discurso, dentre eles os de paráfrase, polissemia, autoria e interpretação. Ao agruparmos os memes em “famílias”, foi possível observar as repetições e deslizes entre eles, ou seja, a tensão entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia).

No caso deste percurso analítico, dentro da família que nomeamos “coisas com sentimentos”, selecionamos o meme “Sistema nervoso autônomo”. O texto em tela demanda que contemplemos a mobilização de formações imaginárias que retomam “pré-construídos” como aquilo “que todo mundo, em uma “situação” dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do “contexto situacional”” (PÊCHEUX, 1995, p. 171). O meme, em um movimento de demarcação e dissolução de fronteiras entre FDs, desloca sentidos ligados a sistema nervoso autônomo entendido como controle de funções como a respiração, circulação do sangue, controle de temperatura para o domínio do trabalho, significando uma atividade na qual o sujeito teria maior liberdade/flexibilidade. Assim, o meme confronta os sentidos de autonomia da biologia (“sistema nervoso autônomo”) aos sentidos de autonomia no trabalho (“Eu sou o meu próprio chefe”).

No que tange à organização textual desse meme, esta se subdivide em: (i) título, (ii) imagem e (iii) enunciados espalhados ao redor. Não encontramos uma relação complementar entre as partes, mas contraditória, que joga com as expectativas: a imagem não direciona para a palavra escrita e vice-versa; pelo contrário, o funcionamento humorístico reside no fato de os enunciados caracterizadores, ao apresentarem falas de uma posição-sujeito, jogarem contra o título e a imagem, até então em um vínculo literal.

Como atividade inicial para essa série de memes, poderíamos sugerir que os alunos, provocados a compreender certas questões sobre os memes, fizessem uma busca por textos que dialogam com o meme a respeito de temática, além de outros memes similares tomados em relação de paráfrase, construindo um arquivo de leitura, que daria espessura ao gesto interpretativo. Em um segundo momento, tendo o meme exposto acima como ponto de observação, em que se trata de questões concernentes a trabalho, relação patrão/empregado, propor: “Defenda um ponto de vista e

apresente motivos para: A) As vantagens de ser o próprio patrão. B) As vantagens de ser empregado”. Essa questão coloca os sentidos em relação de contradição, expostos à equivocidade, em um convívio conflituoso, que deve ser investigado em uma aula de leitura. Segundo Gallo (2012, p. 62), é papel de o professor orientar o aluno a “dar sentido a esses bancos de dados, a partir da compreensão de que o sentido sempre pode ser outro, e de que, tão importante quanto o que está dito, é o que não está dito, mas está significando”.

Conclusões

Após as análises pré-pedagógicas, que visavam restituir aos memes sua opacidade e, portanto, historicidade, foi possível formularmos atividades discursivas que exploram sentidos plurais para os textos em questão e para os discursos por eles engendrados. Tomando o texto como lugar da unidade, do “efeito-fecho”, foi produtivo explorar os limites da interpretação, na relação do discurso com a memória, abrindo para o equívoco. As atividades discursivas visam a uma aula de leitura que dê possibilidades para um trabalho atento com a linguagem, nos entremeios, isto é, na não-evidência do sentido. Essa posição de leitura é justamente a que coloca a interpretação como prática também de autoria pela própria leitura, em que ler não significa nem buscar um sentido escondido nem apenas retomar um discurso cristalizado, mas uma leitura polissêmica, por meio de atividades que explorem os aspectos lacunares da linguagem.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Fundação Araucária pelo financiamento à pesquisa, sem o qual não teria sido possível realizá-la. Agradeço também à minha orientadora, Prof.^a Dra. Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo, por todo o apoio durante o desenvolvimento do projeto, bem como pelos diálogos teóricos que ofereceram condições para a realização desta pesquisa.

Referências

GALLO, S. Novas fronteiras para a autoria. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 53, p. 53-64, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso e texto** – formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.